

O Psicodiagnóstico Interventivo como método terapêutico no tratamento infantil: fundamentos teóricos e prática clínica

Valéria Barbieri

André Jacquemin

Zélia M. M. Biasoli Alves

Universidade de São Paulo (USP-Ribeirão Preto)

RESUMO

Embora em Psicologia Clínica seja postulada uma clara diferença entre as atividades de avaliação e intervenção, os relatos de melhoras de pacientes após submeterem-se a entrevistas e aplicações de testes sugerem a possibilidade de se extrair efeitos terapêuticos durante o Psicodiagnóstico. Partindo dessa hipótese, esta pesquisa visou organizar uma forma de atendimento clínico, ilustrada pelo estudo de caso de uma criança apresentando tendência anti-social, em que as entrevistas e aplicações de testes eram acompanhadas de assinalamentos e interpretações. Os resultados do trabalho, cujo follow-up estendeu-se por seis meses, demonstraram a aquisição de benefícios que incluíram um maior contato da criança e da família com as necessidades insatisfeitas que sustentavam o sintoma, bem como a supressão deste. São realizadas considerações a respeito dos mecanismos presentes no Psicodiagnóstico capazes de mobilizar o processo de cura, bem como o papel dos pais na melhora da criança.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico; psicoterapia; tendência anti-social; família; técnicas projetivas.

ABSTRACT

The Interventive Psychodiagnosis as a therapeutic method in children treatment: Theoretical foundations and clinical practice

Although there is a difference between assessment and intervention activities in Clinical Psychology, improvements were noticed on patients after they had been submitted to interviews and psychological tests. This situation suggests the existence of therapeutic effects linked to the Psychodiagnosis process that should be explored. Founded on this hypothesis, this study aimed to describe a form of clinical practice in which the interviews and the application of projective techniques were followed by marks and interpretations. In order to do this, it was used a case study of a 10 year-old girl presenting anti-social tendencies. The follow-up extended for six months. The results demonstrated benefits that included a wider contact of the child and the family with the unfulfilled needs that supported the symptom as well as its suppression. Considerations are made about the mechanisms presented in the Psychodiagnosis capable to mobilise the process of the child's improvement.

Key words: Psychodiagnosis; psychotherapy; anti-social tendency; projective techniques.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Em Psicologia Clínica persiste até hoje a idéia de que os processos Psicodiagnóstico e Psicoterápico não se misturam devido à diferença de setting que existe entre eles (Ocampo, Arzeno e Piccolo, 1987; Cunha, Freitas e Raymundo, 1986). Não obstante, Winnicott (1993a) defende que na maior parte das vezes é possível e inofensivo realizar um pequeno tratamento psicanalítico na primeira entrevista diagnóstica, pois nela

surgem elementos que levariam meses ou anos para emergir novamente em uma psicoterapia posterior. Apesar de o profissional estar menos fundamentado sobre o caso nesses contatos iniciais do que em uma análise longa, ele consegue alcançar um profundo insight que contrabalança sua pouca experiência clínica. Por outro lado, se esse momento não é aproveitado dessa maneira, além de a entrevista não cumprir seus objetivos de fazer o diagnóstico e iniciar o tratamento, corre-se o risco de o paciente sair da situação desiludi-

do, sentindo que ninguém o compreende e nem se esforça para isso. Ao contrário, é raro que ele se sinta magoado devido a interpretações equivocadas, feitas em uma tentativa genuína de ajudá-lo (Winnicott, 1993b).

Apesar de Winnicott enfatizar a necessidade de realizar interpretações já nas entrevistas iniciais, os frequentes relatos de melhora dos pacientes após se submeterem a um Psicodiagnóstico clássico sugerem que os efeitos terapêuticos desse procedimento vão além das intervenções deliberadas do psicólogo. Essa hipótese relaciona-se particularmente ao trabalho de aplicação das técnicas projetivas, uma vez que tal situação induz o sujeito a acionar mecanismos mentais que permitem não só a expressão de sua personalidade mas trazem, com isso uma perspectiva de sua reorganização. Dentre eles, a projeção e a regressão parecem desempenhar papel fundamental na consecução de benefícios terapêuticos inerentes à atividade diagnóstica.

A REGRESSÃO E A PROJEÇÃO

Anzieu (1986) afirma que durante a administração das técnicas projetivas ocorre um processo regressivo no examinando, que precisará recorrer aos aspectos profundos de sua personalidade para preencher o 'espaço em branco' proporcionado pela liberdade de associações e de tempo; esse preenchimento se efetiva por meio do mecanismo da projeção. Dessa maneira, a produção em uma técnica projetiva implica na expressão total ou parcial do self e, como a regressão torna fluidas as fronteiras entre o eu e o não-eu, em sua aplicação há lugar para o surgimento do fenômeno da ilusão ou da identidade entre sujeito e objeto (Winnicott, 1951/1975). A realidade externa (estímulos do teste, papel em branco) é assim apropriada pelo sujeito de um modo pessoal, idiossincrático, e isso constitui a base para o estabelecimento do vínculo com o ambiente (e posteriormente, para o desenvolvimento da capacidade simbólica). Em outras palavras, a aplicação desses instrumentos solicita ao sujeito um funcionamento compatível com o do processo primário de pensamento, necessário para sua subsequente diferenciação (parcial) em secundário, da mesma maneira que a ilusão bem instituída fornece o sólido alicerce para a desilusão (idem). Esse potencial das técnicas projetivas para acionar o processo de desenvolvimento da capacidade simbólica, contudo, não se atualiza necessariamente em todos os casos, podendo permanecer latente. Nesse momento a intervenção (verbal, gráfica, lúdica) do profissional, indicando ao sujeito que ele foi visto por alguém (a necessidade ilusória foi atendida por um ser humano) complementaria o trabalho.

Estabelecida a apropriação pessoal da técnica, naqueles pacientes capazes de diferenciar claramente entre as realidades interna e externa (estrutura neurótica), é possível presumir a existência de efeitos terapêuticos adicionais da situação diagnóstica, quando se pressupõe uma analogia entre a produção no teste, a criação artística literária e o brinquedo.

Freud (1976), comparando os dois últimos, afirmou que tanto o escritor quanto a criança que brinca reajustam os elementos do ambiente externo de um modo que lhes agrada; essa atividade permite a obtenção de prazer, pois a gratificação do desejo ocorre no nível da fantasia, ao passo que se acontecesse de fato poderia ser muito penosa. Nesse sentido, a produção literária também teria valor semelhante ao do sintoma e ao do sonho, sendo idênticos os seus processos de formação em termos dos esforços do ego para conciliar as catexias e as contracatexias. Similarmente, as respostas aos estímulos das técnicas projetivas poderiam atuar como 'substitutos dos sintomas', garantindo a satisfação pulsional de modo simbólico e possível de ser expressa mais claramente, já que a responsabilidade por ela é artificialmente retirada do sujeito e atribuída aos 'personagens' das lâminas.

O fato de a expressão e gratificação pulsionais ocorrerem principalmente por meio do processo primário de pensamento, e assim predominantemente através da imagem, é concebido por Anzieu (1986) como parte da regressão própria à aplicação das técnicas projetivas.

Não obstante, Milner (1991) criticou a concepção da imagem simplesmente como forma arcaica de alcançar a satisfação, argumentando que as fantasias (imagos) são expedientes importantes para a compreensão da realidade interna, constituindo-se no único modo que a criança tem para representar a si mesma e seus processos psíquicos. Além disso, as fantasias seriam um meio de conhecer a realidade externa, já que são imagens evocadas para completar o significado de experiências da área perceptiva, buscando explicar o que não está imediatamente dado no presente. Em suma, sendo a imagem um poderoso instrumento de autoconhecimento, possibilita também a compreensão da realidade externa por meio dos processos de similaridade ou contraposição.

Portanto, ao responder a uma técnica projetiva, um indivíduo não está apenas efetuando uma regressão que lhe proporcionará prazer ou angústia, mas defronta-se com a riqueza de suas fantasias, o que favorece uma compreensão intuitiva de si mesmo. Esse processo é descrito por Milner (1991) como uma espécie de mágica que domina o 'leão do desejo', pois permite ao impulso e ao temperamento adquirirem uma forma externa, expressarem-se, sem o que a subjetividade per-

maneceria estagnada e sufocada em seu próprio egocentrismo.

Contudo, o potencial terapêutico da regressão pode ser ainda maior. Os materiais projetivos, com seus estímulos particulares, investigam aspectos definidos da evolução afetiva do indivíduo. A solicitação de desenhos no DFH de Machover, no HTP de Buck e em outras técnicas gráficas, defronta o sujeito com os problemas da aquisição de suas capacidades de integração, personalização e realização (Winnicott, 1945/1993), em outros termos, seu sucesso ou malogro em estabelecer uma identidade psicossomática e relacionar-se com o meio externo. O CAT de Bellak averigua a passagem e o desenlace de conflitos referentes aos estágios de desenvolvimento psicosssexual, particularmente os afetos vinculados à situação edípica. O Teste de Rorschach evoca questões relativas à formação da identidade, vínculo com as figuras parentais, qualidade do superego e capacidade de manter a integração diante do perigo da dissociação. Em suma, muitas situações significativas do desenvolvimento humano estão presentes nos estímulos dos instrumentos projetivos.

A condição regressiva, ao promover o funcionamento mental de acordo com o processo primário, abole a distinção temporal e, assim, passado, presente e futuro se confundem. Nessas condições, as etapas evolutivas pretéritas do sujeito podem se reapresentar e serem revividas em termos dos aspectos investigados em cada estímulo da técnica, oferecendo ao sujeito uma nova chance de retomar o seu desenvolvimento por meio da atualização de suas necessidades e reorganização dos objetos internos (como também acontece no brinquedo).

A despeito dessas possibilidades terapêuticas inerentes à tradicional aplicação das técnicas projetivas, alguns autores propuseram novas maneiras de utilizá-las, que incluem uma participação mais ativa do psicólogo, por meio da realização de assinalamentos e interpretações ao longo da tarefa. Exemplos dessas propostas podem ser encontrados nos trabalhos de Winnicott (1993b), no de Morgan e Murray (1935) em seu artigo de lançamento do TAT, no de Bellak (1974) e, no Brasil, no de Ancona-Lopez et al. (1995) e no de Gomes e Bronstein (2000).

Visando averiguar, do ponto de vista prático, os alcances e limites de intervenções dessa natureza, este estudo investigou a eficiência de um método diagnóstico/terapêutico organizado pela primeira autora, que foi aplicado a uma menina de dez anos de idade e de nível socioeconômico médio, que será aqui chamada de Beatriz. Tal método, que incluiu a aplicação de técnicas projetivas acompanhadas de perguntas, assina-

lamentos e interpretações, foi inspirado na Consulta Terapêutica de Winnicott (1984) e, assim, contemplou a participação ativa dos pais no tratamento da filha.

Instrumentos utilizados

O processo completo incluiu a utilização de entrevista de anamnese, do Teste de Rorschach, de duas sessões lúdicas, da Entrevista Familiar Diagnóstica, da Bateria Gráfica de Hammer, do Teste de Apercepção Temática Infantil – forma animal (CAT-A) e da entrevista devolutiva. Após o término do processo de avaliação/intervenção, a criança foi dispensada e ocorreu o *follow-up* do caso, por meio de entrevistas com os pais, durante o período de seis meses.

ILUSTRAÇÃO CLÍNICA

Queixa e história pessoal

Beatriz foi encaminhada para atendimento psicológico devido a furtos de dinheiro dos familiares, que ocorreram por três vezes, dirigidos à avó, à tia e à madrasta. A obesidade da menina também foi referida como queixa (ela pesava 52 kg), mas os pais estavam preocupados sobretudo com os furtos.

Ela vivia com o pai, a madrasta e um irmão de treze anos (Juan). A madrasta trabalhava como secretária e o pai estava desempregado havia 4 anos. As crianças eram filhas do primeiro casamento do pai, sendo que a mãe biológica da menina teve uma terceira gravidez, mas faleceu de causas indeterminadas no quinto mês de gestação, quando ela contava com quatro anos de idade. Beatriz e o irmão passaram então a ser cuidados por uma tia paterna até que, seis meses depois, o pai conheceu e casou-se com a atual esposa, retornando com os filhos à residência anterior. O casamento foi bem recebido pelas duas crianças, sendo que Beatriz e Juan tinham ciúme da madrasta, disputando o seu colo à noite, e defendendo-a nas situações de discussão com o pai.

Não havia atraso no desenvolvimento motor, nem dificuldades escolares ou de socialização. Quanto à alimentação, embora sempre estivesse acima do peso, Beatriz não era uma criança que comia muito; a saúde física era boa.

Os pais descreveram Beatriz como uma menina dócil e carinhosa, mas que se tornava um pouco bruta quando contrariada. Ela aceitava bem os castigos impostos por eles, embora com certa impaciência. O casal concordou que a madrasta tinha mais liberdade e brincava mais com as crianças do que o pai. Contudo, ela relatou ter dificuldade para se aproximar de Beatriz, principalmente após a ocorrência dos furtos, que a magoaram muito. A madrasta contou que às ve-

zes a menina lhe pedia um beijo e ela se sentia mal no sentido de acreditar que essa iniciativa deveria partir dela própria, sem que a criança precisasse pedir. Já o pai tinha maior facilidade para se relacionar com a filha.

O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO PROPRIAMENTE DITO

Com o propósito de ilustração do método de trabalho, a despeito de várias técnicas de exame terem sido utilizadas, serão abordadas aqui somente as sessões lúdicas, a Entrevista Familiar Diagnóstica e o CAT-A.

As sessões lúdicas

Beatriz acompanhou-me docilmente até a sala de atendimento, onde foi esclarecida sobre as razões dele. Após o contrato de trabalho, não se interessou pela caixa lúdica e permaneceu em silêncio, parecendo bastante desanimada. Após 10 minutos, perguntei-lhe se não queria ver os brinquedos; ela então foi até eles, olhou-os superficialmente e pediu permissão para pegá-los, ao que assenti.

Ela tomou uma folha de papel em branco, dobrou-a e nela recortou dois corações unidos. Começou a pintar um deles de vermelho e, em seguida, jogou ambos no lixo. Perguntei-lhe se não estava jogando fora o próprio coração, e não queria ligar-se a mim porque nossa relação terminaria um dia. Ela me ignorou, me deu as costas e passou a brincar sozinha, impedindo-me de ver o que fazia. Em certo momento mudou de posição, de modo que eu pude ver parcialmente o que fazia (frutinhas vermelhas de massa de modelar). Cinco minutos antes do final da sessão, perguntou: 'Quantas horas, Valéria?', surpreendendo-me por haver se lembrado do meu nome, dado o desdém que havia me dirigido até o momento. Eu respondi, e enquanto ela guardava os brinquedos, falei-lhe que para não se ligar a mim ela me dava as costas, me desprezava, mas havia um lado seu que desejava se relacionar comigo, então me deixava ver em parte daquilo que fazia. Ela nada respondeu e terminou de guardar os brinquedos com muito cuidado, deixando-os exatamente como havia encontrado.

Na segunda sessão ela hesitou novamente, mas por um breve instante, para ir à caixa lúdica. Depois, sentou-se frente a frente comigo e pegou a massa de modelar. Com muita cautela e meticulosidade compôs, com a massa amarela, um sol de olhos azuis e boca vermelha, sorrindo, que depositou no chão da sala; construiu também dois pássaros pretos e os situou ao lado dele. Apontei que ela estava mais disposta a se mostrar para mim. Ela sorriu e continuou a brincadeira fazendo pequenos filamentos com a massa de mo-

delar marrom, com os quais construiu uma casa, separada da produção anterior do sol e pássaros. Terminada essa tarefa, tentou transportar a casa para um local próximo ao sol e pássaros, para formar uma cena, mas teve muitas dificuldades porque os filamentos da primeira se quebravam durante o transporte. Quando finalmente alcançou seu intento, ficou bastante satisfeita, contemplando o seu trabalho até o final da sessão.

Análise das sessões lúdicas

A relutância de Beatriz em iniciar uma ligação afetiva se manifestou na brincadeira dos dois corações, em que ela expôs sua necessidade de estabelecer uma relação com alguém, mas que esbarrava na constatação de que o calor emocional não se encontrava presente em ambas as partes (apenas um dos corações foi pintado). A outra pessoa era vista como fria e, com isso, o vínculo não se efetivava, configurando-se uma privação, que gerava na menina um profundo sentimento de frustração.

A segunda sessão esclareceu que esse desencontro afetivo se referia ao relacionamento com a figura materna, menos com a mãe perdida de fato, e mais com a madrasta atual. Beatriz percebia a existência de dois grupos na família, um deles composto por um pai afetuoso e seus filhos (sol e pássaros), e o outro pela madrasta (casa), sendo que o seu esforço era o de integrar a última ao primeiro, o que foi conseguido com muita dificuldade. Assim, Beatriz mostrava sua intranquilidade sobre até que ponto a madrasta fazia parte da família, e se podia contar com ela para a satisfação de suas necessidades afetivas. A brincadeira sugeria que embora a madrasta estivesse concretamente presente no grupo familiar, não havia a real assunção de seu papel, já que ela não proporcionava à filha um vínculo sólido e caloroso. A real integração da madrasta à família (união das duas partes da cena) representava a fantasia de cura.

A entrevista familiar diagnóstica

Toda a família compareceu à sessão. Juan era um garoto franzino de treze anos, mas que aparentava oito e que parecia mais uma menina do que um adolescente. Após o contrato, a madrasta levantou-se e foi em direção à caixa lúdica, sendo acompanhada pelos demais. As crianças pegaram papel e começaram a desenhar com canetas coloridas. O pai pegou o conjunto de animais domésticos e selvagens, e iniciou a montagem de um zoológico ou parque. Por sua vez, a madrasta pegou blocos de madeira para construir uma casa e, ao voltar à mesa de atendimento com o seu jogo, disse 'Vamos brincar!' num tom que era um misto de colaboração e desprezo. Cada membro da famí-

lia trabalhou isoladamente, embora Beatriz às vezes olhasse para o pai, que lhe sorria de volta.

O pai dividiu os animais em dois grandes blocos, sem utilizar nenhum critério, separando-os, com esforço, por uma cerca baixa e precária, que freqüentemente desmoronava. A madrastra montou a casa com dificuldade, pois havia problemas na construção do telhado, que freqüentemente desabava. Quando conseguiu terminá-la, imediatamente a desmanchou, dizendo 'Pronto!'. Interessou-se então em ver o trabalho do marido, mas não fez maiores comentários.

Quando o pai concluiu sua atividade, comentei que todos haviam brincado separadamente. A madrastra concordou e disse que havia entendido que devia ser assim. Em seguida perguntou a Juan se não havia compreendido a mesma coisa; o menino confirmou e ela perguntou-me o que eu estava querendo dizer a eles. Respondi que eu havia feito uma observação e gostaria de saber o que pensavam dela. A madrastra olhou para o marido (Juan fitava-me; Beatriz estava de costas) e disse pensar que isso significava falta de união na família. Falou de forma bastante defensiva que isso era errado e queria saber o que poderia fazer para mudar a situação. Apontei seu sentimento de haver sido acusada, mas que estávamos ali para compreender quais eram as razões que faziam com que a família agisse dessa maneira. Perguntei ao pai o que pensava sobre o assunto e ele concordou com o meu assinalamento anterior, embora sem muita convicção. Houve um silêncio de mal-estar, e eu repeti que estava sendo vista como alguém que ia lhes dizer o que era certo ou errado. A madrastra respondeu que gostaria que eu fizesse isso, pois queria saber como poderia melhorar no cuidado de todos. Insisti que estávamos ali para pensar juntos sobre o problema, e que a solução deveria ser encontrada a partir dessa reflexão.

O pai então se dirigiu às crianças e quis ver os desenhos da filha e eu apontei sua disposição para sair da solidão. A madrastra confirmou que havia, de fato, certa individualidade porque ela precisava trabalhar e, além disso, não quis interferir no trabalho das crianças. Assinalei que, do seu ponto de vista, estar junto com uma pessoa significava interferência na sua vida e na do outro, com perda de identidade e confusão. Ela então foi ver os desenhos das crianças e, ao olhar o de Juan, disse em tom depreciativo: 'Ele e os skates dele!'. Falou também que a vida era difícil, que descobrira que Beatriz havia pego o seu batom sem sua autorização, que as crianças eram muito ciumentas e que, se beijasse uma, a outra reclamava. Passou a inquirir as crianças sobre os beijos que lhes dava e depois comentou, desabafando: 'E ainda querem que eu tenha um filho!', com o que todos concordaram. Apontei à madrastra que ela sofria por ser muito querida pelo

restante da família. Ela sorriu e contou que Beatriz pegara os seus óculos de sol sem permissão, ao que afirmei que a menina queria ser parecida com ela. A madrastra concordou, dizendo que a filha sempre falava que ela era muito bonita. Passou então a contar que precisava colocar regras na casa e, às vezes, castigar as crianças, mas isso não queria dizer que fosse má. Apontei ao pai que a esposa se dizia sobrecarregada e precisava de sua ajuda. O casal sorriu e começou a discutir suas dificuldades para entrar em acordo quanto à atribuição e manutenção de castigos às crianças até o final da sessão.

Análise da entrevista familiar diagnóstica

A entrevista familiar confirmou as informações trazidas pela criança nas sessões lúdicas. Os cercados de animais construídos pelo pai reiteraram a existência dos dois grupos na família: o da madrastra e o dele com os filhos. A cerca, bastante precária, permitindo a passagem de um lado para o outro, denotava insegurança e ambivalência quanto à união (ou separação) dos membros. A madrastra, por sua vez, defrontou-se com a tarefa de assumir a função materna (edificação da casa) conseguida com muita dificuldade, com malogros devido a falhas de sustentação. Após alcançar seu intento, desmantelou imediatamente a produção, demonstrando já ter feito a sua parte, sem interesse ou condições de mantê-la; o que indicava falta de confiança na solidez e integridade de seu bom objeto interno, que era solapado por um ideal de ego bastante exigente, denunciando a existência de tendências depressivas. Como resultado, ao invés da disponibilidade afetiva para o relacionamento profundo, existia a necessidade de cumprir satisfatoriamente uma série de demandas para se assegurar da própria bondade. Incerta quanto à consistência desta, cada vez que era solicitada pelo marido e filhos para se oferecer como bom objeto de identificação, tinha a sensação de ser despojada e subtraída de seus recursos, já escassos. Nessa situação, Beatriz sentia que estava se apropriando de algo que não lhe pertencia, que estava espoliando e roubando a mãe: a posse não era legítima. Quanto ao pai, embora estivesse afetivamente mais disponível para os filhos, apresentava dificuldades em assumir o seu papel na família. Enquanto a função paterna era delegada à mãe, o pai se mostrava mais como abrigo e refúgio afetivo, configurando-se uma inversão de papéis, passível de comprometer a aquisição da identidade sexual do filho mais velho.

O Teste de Apercepção Temática Infantil – CAT

A produção no CAT enriqueceu a compreensão do conflito básico de Beatriz, esclarecendo que a madrastra estabelecia com ela uma relação de duplo vínculo,

apresentando-se como amorosa nos momentos em que era hostil, e vice-versa. Assim, enviava mensagens contraditórias à menina, que se confundia, não sabendo em que momento ela expressava amor ou ódio. A madrastra excluía Beatriz de seus relacionamentos pessoais, mas ao mesmo tempo a mantinha por perto, numa atitude controladora. Assim, não supria a dependência da criança, nem permitia que ela buscasse a autonomia ligando-se a outras figuras.

Todas as histórias contadas pela menina sobre as lâminas do CAT-A foram retomadas e discutidas com ela em uma sessão posterior à aplicação desse instrumento, sendo que três delas, consideradas significativas para compreensão do caso e ilustrativas do método do Psicodiagnóstico Interventivo aqui utilizado, são comentadas abaixo.

LÂMINA 4: “Os lobos¹ estavam indo para sua casa, quando sua mãe encontrou uma bolsa. Eles continuaram indo para casa e, chegando em casa, sentaram na mesa e comeram o que tinha dentro da cesta. [E o que tinha dentro da cesta?] Tinha um vidro de leite e pão. [E o que eles estão pensando?] Que eles poderiam devolver a cesta porque alguém pode estar precisando dela, mas a mãe dele não se conforma com isso; ela queria a cesta. [E o que ela está pensando?] Ir e voltar e pôr a cesta lá de novo. [Como assim?] Ela pega tudo, deixa na casa dela e leva só a cesta. [Por que ela queria o que estava na cesta?] Porque eles tavam com fome. [O que ela está sentindo?] Sentindo errada, porque ela pegou uma coisa que não é dela. [Como termina a história?] Ela vai devolver tudo [...]”

Quando conversamos sobre essa história, Beatriz negou qualquer similaridade entre ela e a sua própria vida. Lembrei-lhe do nosso primeiro encontro e da queixa dos furtos, dizendo que ela se sentia como a mamãe lobo. Ela se surpreendeu e ficou bastante constrangida; apoiou os braços sobre a mesa, segurou a cabeça com as mãos e parou de me olhar. Falei que era difícil para ela tratar desse assunto, mas estávamos ali para compreender porquê havia precisado pegar coisas que não lhe pertenciam; talvez se sentisse faminta como a mamãe lobo, mas eu pensava que, ao invés de falta de comida, ela sentia fome de carinho e buscava objetos fora de si para preencher o vazio que havia dentro dela. Assim, ela não queria de fato os objetos que pegava, mas estava buscando amor. Após me ouvir, Beatriz permaneceu em silêncio por um bom tempo, muito embaraçada. O clima da sessão estava tenso e, por isso, propus abordarmos a lâmina seguinte (5). A história se referia a dois bebês gêmeos que tinham fome à noite e eram então alimentados pela mãe. Comparei essa história com a anterior, ressaltan-

do que agora os bebês tinham uma mamãe boa, o que ela também desejava. Ela ainda estava tensa, e apenas quando conversamos sobre as últimas pranchas do teste pareceu mais relaxada e recuperada do impacto anterior. A história da lâmina 10 foi a seguinte:

LÂMINA 10: ‘A cadela estava doente e estava preocupada se morresse, quem iria cuidar dos filhotes. Quando estava quase morrendo, uma pessoa viu ela deitada no chão e levou ela no veterinário, arrumou casinha para ela e o filhotinho dela. Os dois moraram com uma família. Enquanto a cadela foi no veterinário, ela foi tomando injeção e soro. Então ela foi melhorando, melhorando, aí ela foi ficando muito feliz porque ia sobreviver e ia poder cuidar do filhotinho dela. Ela fazia tudo para essa família, ia comprar jornal para eles todos os dias.’

Apontei-lhe a semelhança de sua narração com a própria história: ela perdera uma mãe, mas havia encontrado outra para ajudá-la, bem como a mim. Nesse momento ela estava tranqüila e a sessão foi encerrada.

Entrevistas de *follow-up*

Além da entrevista devolutiva com os pais, seguida de orientação quanto ao cuidado afetivo da menina, foram realizados três encontros com eles nos períodos de dois, quatro e seis meses após o atendimento. Beatriz não voltou a furtar e, de acordo com o pai, a família se encontrava bem, embora ele permanecesse desempregado. Contudo, na última entrevista, em que a madrastra compareceu sozinha, ela contou que a filha estava exigente em relação a compras e isso a preocupava, mas não acreditava que os furtos retornassem. Falou também de sua mágoa por ter sido roubada pela filha, embora entendesse, após o atendimento da menina, o que isso significava. Contou ainda que ela e o marido tinham sérias dificuldades conjugais e queixou-se de sua vida sexual com ele e do fato dele não se esforçar para conseguir um emprego, o que havia resultado, inclusive, numa tentativa passada de separação. Apontei-lhe o sentimento de ser explorada pelo marido, que foi reativado pelos furtos de Beatriz. Ao final da sessão sugeri a ela que procurasse ajuda psicoterápica, com o que ela concordou e solicitei que me contatasse no caso de qualquer dificuldade da criança, o que não aconteceu até o momento, cinco anos após o atendimento.

O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO NO TRATAMENTO INFANTIL: OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS E A ILUSTRAÇÃO CLÍNICA

O caso de Beatriz ilustra os dois efeitos terapêuticos da aplicação das técnicas projetivas: fortale-

cimento do vínculo com o ambiente devido ao estabelecimento dos fenômenos ilusórios (houve expressão das necessidades do self numa apropriação pessoal das técnicas e dos brinquedos, ao que a psicóloga respondeu) e reorganização da realidade externa de modo mais agradável (demonstrada pela brincadeira da segunda sessão lúdica – a casa e o sol e pássaros – e pelas estórias contadas às pranchas 5 e 10 do CAT). Contudo, o arranjo dos elementos externos surgiu com a finalidade de expressão da fantasia de cura, e não de descarga pulsional para a obtenção de prazer.

A expressão dos conteúdos e necessidades do self permitiu à criança imprimir-lhes forma e dinamismo, com a auto-representação acontecendo principalmente por meio da imagem (processo primário de pensamento). A compreensão intuitiva de si mesmo que essa situação produziu foi complementada pela percepção endopsíquica racional e objetiva, proporcionada pelo uso dos assinalamentos e interpretações durante e logo após a aplicação das técnicas diagnósticas. Essa situação, permitindo reconhecer que a imagem projetada no espelho era a própria, provocou um forte impacto dramático (insight), uma vez que restabeleceu a continuidade entre os processos primário e secundário de pensamento, ou a coincidência entre o verbal e o pré-verbal (Soifer, 1983), rompendo com o mito da objetividade pura. Como consequência, houve maior conhecimento da realidade interna e aumento da permeabilidade entre consciente e inconsciente, com a criança adquirindo flexibilidade e capacitando-se a buscar o que necessitava de maneira simbolizada.

Ody (1993) também observou que a intervenção verbal do profissional durante a Consulta Terapêutica proporciona um enriquecimento simbólico do cenário mas, por outro lado, há o risco de ela ser fonte de tensão desorganizadora. É importante considerar que essa desorganização não é necessariamente negativa, podendo simplesmente indicar uma regressão necessária à posterior retomada do desenvolvimento ou, nos termos do próprio Ody (1992), uma 'retroprogressão'.

Neste estudo, o modo como as estórias do CAT foram investigadas com a criança diferiu da proposta de Bellak (1974) sobre o uso do TAT na psicoterapia. A atividade diagnóstico/interventiva de Bellak centra-se na exploração de aspectos gerais do teste (temas predominantes, sentimentos mais freqüentemente expressos, qualidade da auto-imagem, entre outros) que são discutidos com o paciente; dessa maneira os processos mentais são a sua matéria-prima de trabalho e, assim, o diálogo é estabelecido com uma parte mais madura da personalidade. Já neste trabalho, a ênfase na consideração do conteúdo do enredo das estórias implica conceber os processos mentais de modo mais primitivo, como vivências de 'pessoas fazendo coisas'

dentro da criança. Sendo assim mais semelhante à proposta de Morgan e Murray (1935) sobre o uso do TAT no tratamento psicológico. É mister considerar que a forma de explorar os resultados deste teste (ou de qualquer outro com propósito interventivo) deve se basear no nível de amadurecimento da personalidade do paciente, de modo a tornar a comunicação mais significativa para ele.

Ainda com relação ao CAT, apesar de existir a chance de a criança reviver seu desenvolvimento durante o processo de aplicação da técnica, Beatriz preferiu submeter o conteúdo dos estímulos às suas dificuldades e preocupações atuais (não houve, por exemplo, menção a elementos anais na estória contada na lâmina 10). Embora isso indique um aparente empobrecimento das possibilidades terapêuticas deste teste, deve ser observado que se o material, mesmo com o seu razoável grau de estruturação, pôde ser apropriado de modo pessoal pela criança, ele se encontraria isento dos riscos de atuar como agente invasor do self (Winnicott, 1993a).

Com referência à importância do insight no resultado terapêutico de Beatriz, muito há que refletir. Apesar de a criança ter apresentado um bom desenvolvimento dessa habilidade, não se pode dizer o mesmo dos pais, especialmente da madrastra. Embora Ody (1992, 1993) valorize essa capacidade parental para o sucesso da Consulta Terapêutica, Winnicott (1993a) não a considera essencial. Milner (1991) define o *insight* como um reconhecimento, pelo indivíduo, daquilo que ele já sabe, mas não sabe que sabe. Portanto, se o paciente já conhece a gênese de suas dificuldades e a adaptação ambiental necessária à melhora (fantasias de enfermidade e cura), há forte indicação de que é a mera mobilização, por parte do profissional, dos processos inconscientes em direção à cura que se constitui no fator fundamental da terapêutica.

Quanto aos resultados do atendimento, o desaparecimento dos sintomas da menina não implica na resolução dos conflitos subjacentes a eles. Beatriz e sua madrastra prosseguiram empenhadas em sua mútua tentativa de cura, necessitando uma da outra para isso, já que o desenvolvimento saudável da primeira combatia os sentimentos depressivos de inutilidade da segunda (Winnicott, 1957/1993). Os furtos podem ter sido substituídos pelas exigências de compras que a criança passou a fazer. Portanto, a amolação da menina não cessou, e seria desastroso se isso acontecesse: implicaria na desistência e desesperança quanto à possibilidade de melhora. A diferença feita pela aplicação do Psicodiagnóstico Interventivo pareceu residir em que, depois dos contatos com a psicóloga, Beatriz adquiriu uma noção mais apurada daquilo que necessitava, podendo realizar sua busca de modo simbolizado e

socialmente aceito. A madrasta, por sua vez, pareceu encontrar-se em melhores condições para lidar com esse novo 'sintoma' do que com os furtos; assim ela passou a se sentir mais capaz de cuidar dos filhos, confiança passível de fortalecer o seu bom objeto interno. Em suma, a tendência ao desenvolvimento (ou retomada dele) continua e deve se manter como a tônica da vida de ambas como no caso de qualquer ser humano.

CONCLUSÃO

A análise do caso de Beatriz mostrou que o Psicodiagnóstico Interventivo, além de permitir uma avaliação mais acurada do caso, foi passível de fortalecer os movimentos da criança e da família em direção à cura. A supressão dos sintomas não é o objetivo do método e, quando ocorrer, deve ser cuidadosamente analisada. Nos casos felizes, essa prática clínica pode substituir uma psicoterapia que se estenderia por meses ou anos, residindo aí sua relevância social. Trata-se, portanto, de um método promissor, que atribui ao paciente o papel de sujeito ativo no alcance da própria saúde mental, e do qual faz parte a crença do profissional na capacidade humana para o desenvolvimento pessoal, a confiança no inconsciente, no vazio, no que não parece estar ali (Milner, 1991).

REFERÊNCIAS

- Ancona-Lopez, M. (Org.). (1995). *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*, (1ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Campus.
- Bellak, L. (1974). The use of the TAT in psychotherapy. In *The TAT, CAT, SAT in clinical use*. (pp. 143-152). New York: Grune & Stratton.
- Cunha, J. A., Freitas, N. F., & Raymundo, M. G. (1986). *Psicodiagnóstico*, (1ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1908/1976). Escritores criativos e devaneios. In *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 147-158). Rio de Janeiro: Imago.
- Gomes, I.C., & Bronstein, M. O. (2000). O psicodiagnóstico como forma terapêutica: o uso da hor lúdica num caso de obesidade infantil grave. *Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos, 2. Resumos e Progamas*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos.
- Milner, M. (1945/1991). Alguns aspectos da fantasia em relação à psicologia geral. In: *A loucura suprimida do homem são* (pp. 49-70). Rio de Janeiro: Imago.
- Milner, M. (1987/1991). Introdução. In: *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago.
- Morgan, C., & Murray, H. A. (1935). A method for investigating fantasies: the Thematic Apperception Test. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 34, 289-306.
- Ocampo, M. L. S.; Arzeno, M.E.G.; Piccolo, E.G. (1987). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. (5ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Ody, M. (1992). Régression-progression consultation thérapeutique psychanalyse de l'enfant. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 1039-1048.
- Ody, M. (1993). La question de l'interprétation en consultation thérapeutique de l'enfant. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 147-156.
- Soifer, R. (1983). *Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo*, (1ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Winnicott, D. W. (1945/1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 165-185). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1948/1993a). Pediatria e Psiquiatria. In: *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 287-311). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1951/1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1952/1993). Ansiedade associada à insegurança. In: *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 205-210). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1953/1993). A tolerância do sintoma na pediatria – a história de um caso. In: *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 211-232). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1957/1993). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. In: *A família e o desenvolvimento individual* (pp.59-72). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1965/1993b). The value of therapeutic consultation. In: Goldman, D. (Org.). In *One's bones: the clinical genius of Winnicott* (pp. 95-100). London: Jason Aronson Inc.
- Winnicott, D. W. (1971/1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

Notas:

Trabalho desenvolvido no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP.

¹ A criança não sabia que os animais representados eram cangurus.

Autores:

Valéria Barbieri – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP.

André Jacquemin – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP.

Zélia M. M. Biasoli Alves – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP.

Endereço para correspondência:

VALÉRIA BARBIERI
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo – USP
Av. dos Bandeirantes, 3900 – Campus Universitário – Monte Alegre
CEP 14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil
Fone: (16) 3602-3798
E-mail: valeriab@ffclrp.usp.br